ISSN: 2674-9270
Volume. 7, n. 2, ago./dez. 2025

ARTIGO

O isolamento social pela covid-19 e os impactos sobre a experiência: análises a partir das trajetórias das turmas ingressantes nos cursos Técnicos do IFNMG – Campus Araçuaí, em 2019

Fabiano Rosa de Magalhães
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais
E-mail: fabiano.magalhaes@ifnmg.edu.br

Gislene Alves Dias
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais
E-mail: giislenyita@gmail.com

DOI: *https://doi.org/10.46636/recital.v7i2.588*

Recital
Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara/MG.

Recebido: *01 Jul. 2024*

Aceito: *30 Jun. 2025*

Como citar este artigo: MAGALHÃES, Fabiano Rosa de; DIAS, Gislene Alves. O isolamento social pela covid-19 e os impactos sobre a experiência: análises a partir das trajetórias das turmas ingressantes nos cursos Técnicos do IFNMG – Campus Araçuaí, em 2019. **Recital - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara/MG**, v. 7, n. 2, p. 32–53, 2025. DOI: 10.46636/recital.v7i2.588. Disponível em: https://recital.almenara.ifnmg.edu.br/recital/article/view/588.

Está obra está licenciada sobre uma Creative Commons Attribution 4.0 International License. Nenhuma parte desta revista poderá ser reproduzida ou transmitida, para propósitos comerciais, sem permissão por escrito. Para outros propósitos, a reprodução deve ser devidamente referenciada. Os conceitos emitidos em artigos assinados são de responsabilidade exclusiva de seus autores.

O isolamento social pela covid-19 e os impactos sobre a experiência: análises a partir das trajetórias das turmas ingressantes nos cursos Técnicos do IFNMG – Campus Araçuaí, em 2019

RESUMO

Este artigo aborda a trajetória dos estudantes dos cursos integrados do Instituto Federal do Norte de Minas Gerais - IFNMG - Campus Araçuaí. O recorte temporal equivale à duração de um curso técnico, entre os anos de 2019 a 2021. A metodologia utilizada para a pesquisa foram as atividades vinculadas ao projeto de ensino "Cápsula do Tempo", que buscou acompanhar a trajetória das turmas ingressantes até a conclusão do curso. Neste artigo nos ateremos especificamente à relação dos estudantes com a pandemia, haja vista que as turmas analisadas tiveram que conviver dois anos em situação de isolamento social, com as aulas remotas denominadas de Aulas Não Presenciais (ANP's). As análises contemplam o conceito de experiência e trajetória, utilizando autores da sociologia da educação.

Palavras-chave: Sociologia da escola. Trajetórias escolares. Experiência e Isolamento Social.

Social isolation due to covid-19 and the impacts on the experience: analyses based on the trajectories of the incoming classes in the Technical courses of IFNMG – Campus Araçuaí, in 2019

ABSTRACT

This article discusses the trajectory of students in the integrated courses of Instituto Federal do Norte de Minas Gerais - IFNMG - Campus Araçuaí. The time frame is equivalent to the duration of a technical course, between the years 2019 and 2021. The methodology used for the research were the activities linked to the "Cápsula do Tempo" teaching project, which sought to follow the trajectory of the incoming classes until the conclusion of the course. In this article, we will focus specifically on the relationship of students with the pandemic, given that the classes analyzed had to live for two years in a situation of social isolation, with remote classes called Non-Face-to-Face Classes (ANP's). The analyses contemplate the concept of experience and trajectory, using authors from the sociology of education.

Keywords: School sociology. School trajectories. Experience and social isolation

INTRODUÇÃO

Vamos começar a discussão deste artigo propondo uma pequena digressão a partir do documentário "Ilha das Flores", cujo roteiro faz uma crítica a diversos temas sociais, tomando-se como foco central a questão da liberdade e da igualdade. A forma do diálogo é a ironia, utilizada ao longo do curta-metragem por intermédio de um narrador que coloca em dúvida determinadas afirmações comumente usadas na linguagem de uso dominante. Em alguma parte do documentário, há menção a uma folha de papel deixada num lixão em Porto Alegre, denominado Ilha das Flores. Vejamos o relato extraído dessa produção:

> Este papel, por exemplo, foi utilizado para elaboração de uma prova de História da Escola de Segundo Grau Nossa Senhora das Dores e aplicado à aluna Ana Luiza Nunes, um ser humano. Uma prova de História é um teste da capacidade do telencéfalo de um ser humano de recordar dados referentes ao estudo da História. Por exemplo: quem foi Mem de Sá? Quais eram as capitanias hereditárias? A História é a narração metódica dos fatos ocorridos na vida dos seres humanos. Recordar é viver (FURTADO, 1989, s.p.).

O relato do narrador é irônico. O próprio documentário utiliza o recurso da ironia como estratégia narrativa. Quanto à prova em questão, também vamos encontrar uma crítica em relação à escola tradicional. Irônico é o tratamento que a escola dá a uma infinidade de atividades escolares: a prova, depois de aplicada e corrigida, teve como destino o lixão. Uma prova encontrada no lixo já não serve para nada. Talvez nem tenha servido para algo, já que a pura fórmula do popular "decoreba", típico da escola tradicional, mostra-se enfadonha e sem sentido, no final das contas. Mas existe algo curioso na cena. Ironicamente, é por meio dessa folha desprezada (até pelos porcos), que ficamos conhecendo diversas informações sobre uma menina, a escola e seu método de ensino.

O que mais essa digressão nos ensina? Ensina também que os estudantes deixam vestígios de suas próprias histórias no papel. Munidos de uma curiosidade típica de arqueólogos da escola, poderíamos montar um quebra-cabeça a partir desses materiais jogados no lixão e fazer deduções sobre o perfil de quem escreveu o texto e sobre a instituição. Pensamos no quão interessante seria se esse papel contivesse uma narrativa mais elaborada daquela estudante. Outras pistas permitiriam novas observações ainda mais complexas. Portanto, faz sentido pensar numa estratégia de preservar a memória a partir das produções dos estudantes. Afinal, estes passam por uma escola e deixam seus registros nos espaços dela, por meio dos rabiscos que se espalham pelas carteiras, paredes, quadros e cadernos, como uma 'pintura rupestre' passível de ser lida num momento posterior. Fora isso, também deixam textos elaborados ao longo das trajetórias escolares. Trata-se de produções textuais, muitas vezes, destinadas às avaliações escolares, mas que também poderiam revelar aspectos do seu tempo histórico, além de pistas sobre suas dimensões subjetivas.

É aqui que indicamos uma proposta que tem o espírito da discussão encaminhada até agora.

Desde o ano de 2018, uma equipe de professores do Instituto Federal do Norte de Minas -IFNMG – Campus Araçuaí vem promovendo o Projeto de Ensino "Cápsula do Tempo". Trata-se de uma intervenção pedagógica que busca propiciar reflexões em torno das experiências estudantis, mediante realização de atividades variadas ao longo do ano letivo. O projeto tem caráter interdisciplinar, já que tangencia diálogos com diversas áreas do conhecimento. Além dessa característica, ressalta-se também a capacidade do projeto em produzir pontes entre a pesquisa e extensão e cada uma desses pilares da educação

desenvolverem ações que se comunicam.

Posto isso, indicamos que as atividades de ensino foram planejadas, intencionalmente, para contemplarem um olhar sobre a trajetória estudantil durante o Ensino Médio Integrado e para a trajetória que se abre após a formatura dos estudantes. Os sujeitos da pesquisa são os estudantes dos cursos de Agroecologia, Agrimensura, Informática e Meio Ambiente. Dentre as atividades, destaca-se a elaboração de uma carta pelos estudantes ingressantes (1ºs anos), cuja abertura se dá ao final do Ensino Técnico Integrado. Para os formandos, propôs-se a elaboração de uma carta para ser aberta após cinco anos, com a proposta de um reencontro dos egressos.

De fato, nossa proposta é que se permita aos estudantes o ato de escreverem textos para além da avaliação. Nesse sentido, a ideia é que se pense nas trajetórias, dentro de um determinado espaço de tempo.

Neste artigo, buscaremos analisar a trajetória dos estudantes que ingressaram em 2019 e se formaram em 2021. Em outra oportunidade nos ocuparemos das análises das trajetórias dos egressos.

No ano de 2021, houve a abertura das primeiras cápsulas, com cartas elaboradas pelos estudantes ingressantes, em 2019. Essas cartas, bem como as atividades que permitiram pensar sobre o momento histórico que permeia esse contexto, foram nosso material de análise.

Este artigo não visa apresentar um esboço de toda a trajetória dos estudantes nos cursos, mas tão somente propor uma análise, a partir da própria visão dos estudantes, sobre a vivência escolar no contexto da pandemia de Covid-19. Não é o nosso objetivo fazer uma crítica ao ensino remoto ocorrido naquele momento. O que gostaríamos de salientar, aqui, é que o contexto de aulas remotas e o isolamento proporcionaram uma espécie de laboratório para podermos pensar temas relativos à escola e à importância do espaço escolar no ambiente educacional. O argumento principal é de que os problemas verificados naquele contexto ervem para subsidiar as críticas às propostas atuais de educação. As sugestões que surgem nessa seara vão desde a adoção de ensino a distância para o Ensino Médio e da modalidade de educação chamada de *Homeschooling*, que vêm ganhando cada vez mais espaço no debate nacional, articulando a perspectiva de estado mínimo e uma visão ultraconservadora da educação (ARAÚJO *et al*., 2024). Nessa perspectiva, utilizam-se dos argumentos defendidos pelo Projeto Escola Sem Partido[1], cujo teor conservador e as relações com as propostas de Estado Mínimo são expostas por autores, como Apple (2002) e Barzotto e Seffner (2020).

Tais propostas defendem formas de anulação ou enfraquecimento da escola no seu sentido amplo de espaço público, muitas vezes apoiando-se no discurso de que o ambiente escolar tem servido para doutrinar os estudantes, ou que a convivência dos estudantes em

[1] O Projeto Escola Sem Partido foi inicialmente apresentado através do Projeto de Lei 867 em 2015, pelo Senador Izalci Lucas (PSDB-DF na ocasião e atualmente no PL-DF). O projeto previa a inclusão na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de uma série de restrições a serem observadas pelas escolas e professores, tendo em vista a sustentação dos princípios de neutralidade política, ideológica e religiosa do Estado. Os defensores desse projeto alegavam, entre outras coisas, preocupações quanto ao grau de contaminação ideológica das escolas, considerando que professores e livros didáticos estariam sendo utilizados para a obtenção da adesão inocente dos estudantes a correntes ideológicas e políticas. Posteriormente, diversos outros projetos foram incorporados ao teor daquela proposta original. Hoje, o "Escola Sem Partido" é um projeto e também um movimento. Em 28 de maio de 2020, foi julgado como inconstitucional pelo Supremo Tribunal Federal, o que não significa, de fato, que ele tenha deixado de existir como movimento e como projeto de lei, já que vem sendo aprovado em estados e municípios, além da apreciação de diversas propostas na Câmara dos Deputados.

espaços plurais acaba desgastando os valores da família.

Enquanto os defensores desse novo modelo enxergam um lado positivo desse "novo normal", que surgiu no contexto das Atividades não presenciais - ANP's, devido à introdução de recursos tecnológicos educacionais que vieram para ficar, argumentamos que os problemas psíquicos e de sociabilidade vivenciados pelos estudantes indicam que uma perspectiva de escola sem a dimensão do espaço sociocultural pode trazer sérios prejuízos à nossa própria constituição de sociedade.

REFERENCIAL TEÓRICO

Gostaríamos de propor uma reflexão a partir da proposta pedagógica acima mencionada: analisar a escola a partir dos próprios sujeitos. Para isso, contaremos com os materiais que os estudantes produziram ao longo das etapas anteriores do Projeto "Cápsula do Tempo". Propomos pensar sobre o conceito de experiência, já que ele destaca-se, ao nosso ver, por meio dos materiais que compreendem as primeiras análises e que coincidem precisamente com o contexto da pandemia de Covid-19. Para isso, gostaríamos de propor uma discussão que remete ao conceito de experiência e sua importância na constituição dos sujeitos sociais no mundo contemporâneo, cuja especificidade em relação aos outros momentos históricos seria a complexificação das redes de relações. É preciso ter isso em conta para compreender as implicações quanto às experiências.

Tal complexidade é identificada por Velho (2003), segundo o qual o mundo contemporâneo é cada vez mais marcado por uma intrincada rede de relações sociais. A complexidade amplia-se notadamente no contexto do mundo informacional.

> As sociedades complexas moderno-contemporâneas são constituídas e caracterizam-se por um intenso processo de interação entre grupos e segmentos diferenciados. A própria natureza da complexidade moderna esta indissoluvelmente associada ao mercado internacional cada vez mais onipresente, a uma permanente troca cultural através de migrações, viagens, encontros internacionais de todo o tipo, além do fenômeno da cultura de comunicação de massas. Essa problemática está presente nas biografias e trajetórias individuais. Os indivíduos modernos nascem e vivem dentro de culturas e tradições particulares, como seus antepassados de todas as épocas e áreas geográficas. Mas, de um modo inédito, estão expostos, são afetados e vivenciam sistemas de valores diferenciados e heterogêneos. Existe uma mobilidade material e simbólica sem precedentes em sua escala e extensão (VELHO, 2003, p. 38).

Precisamos ter isso em mente quando vamos tratar das especificidades de vivenciar a juventude neste âmbito de complexidades. A experiência é vital para marcar as possibilidades do ser jovem. É nessa etapa da constituição dos sujeitos que a experiência social torna-se vital. Giddens (2005) define o processo de socialização secundária como a fase da socialização que se dá fora do núcleo familiar. É no contexto da juventude que se consubstancia a busca da experiência social, começando pela escola, que passa a ter um momento significativo nessa etapa da formação humana.

E aqui precisamos destacar a noção de juventude. Trata-se de uma categoria sociológica que busca dar conta de uma etapa da vida, definindo-se por suas particularidades sociais e culturais face às culturas hegemônicas dos adultos, constituídas pelas relações com a escola, trabalho e família (FEIXA, 1999).

Segundo Camarano (2004), os jovens são indivíduos que estão em processo de

construção a partir das suas características pessoais, pelos contextos social e familiar, pelas experiências e oportunidades. A autora associa a juventude à diversidade dentro do próprio grupo populacional, considerando as diferenças condicionadas pela sua posição social e de sua família, sua origem, raça e sexo. A autora analisa que os diferentes contextos em que os jovens estão inseridos ampliam ou restringem as possibilidades e definem também as vulnerabilidades.

Em relação a essa discussão, Dayrell (2007) afirma que a juventude que pertence às camadas populares enfrenta vivências difíceis. Estar na condição de jovens e vivenciar a pobreza é algo que interfere diretamente na trajetória de vida e nas possibilidades e sentidos que assumem a vivência juvenil. Para esses jovens, garantir a própria sobrevivência é um desafio cotidiano, numa tensão entre a busca de gratificação imediata e um possível projeto futuro.

Sendo assim, não se trata de uma juventude, como se todos que estão nessa etapa da vida pudessem ser medidos pela mesma régua e, dessa forma, viver experiências similares. Entenda-se que existem juventudes marcadas pelas condições de classe, gênero e relações étnico-raciais. A relação com essas variáveis vai possibilitar uma miríade de formas de se vivenciar a juventude.

De fato, é um dos argumentos que pretendemos discutir neste texto: o momento da pandemia foi apropriado para a consolidação da comunicação via redes sociais. Todavia, poderíamos dizer que a intensificação dos acessos às redes sociais pode ser entendida como uma potencialização das experiências? Nosso argumento, apoiando-nos nas caracterizações de alguns autores que trataremos a seguir, é que a experiência não existe sem a relação social. Ela se realiza na relação dos sujeitos num contexto social, constituindo-se um exercício de alteridade a partir do convívio. Como seres sociais que somos, nascemos num mundo pré-existente e precisamos buscar o outro para darmos sentidos a nós mesmos, como indica Charlot (2000, p. 53):

> Nascer é penetrar nessa condição humana. Entrar em uma história, a história singular de um sujeito inscrita na história maior da espécie humana. Entrar em um conjunto de relações e interações com outros homens. [...] Por isso mesmo, nascer significa ver-se submetido à obrigação de aprender. Aprender para construir-se, em um triplo processo de "hominização" (tornar-se homem), de singularização (tornar-se um exemplar único de homem), de socialização (tornar-se membro de uma comunidade, partilhando seus valores e ocupando um lugar nela). Aprender para viver com outros homens com quem o mundo é partilhado.

Assim posto, o argumento central de nossa análise é que a pandemia foi marcada pelo empobrecimento da experiência de mundo partilhado, conforme define Charlot (2000). Para os jovens esse empobrecimento trouxe consequências impactantes.

Então estariam certos os grupos de extrema direita ao defenderem a livre circulação, num contexto de riscos evidentes? Estariam atentos à importância da experiência, no sentido amplo definido acima, ou seja, do exercício da alteridade e do convívio com a diferença?

Não é, decerto, o caso. O fato de grupos de extrema direita terem defendido a aglomeração das pessoas, a todo custo, jogando com as vidas humanas em função das necessidades do mercado, não pode ser utilizado como argumento a favor da experiência como parte necessária das relações sociais. Importante destacar que a Organização Mundial de Saúde (OMS), orientava, em março de 2020, medidas de isolamento como a melhor forma de evitar a propagação do coronavírus. Dentre os argumentos apontados pela OMS para justificar as medidas de isolamento social estaria a velocidade de propagação da doença. As

autoridades alegavam que a circulação das pessoas levaria ao aumento exponencial dos casos de infectados, estrangulando o sistema de saúde. Tal prognóstico comprovou-se, na prática, nos meses seguintes à divulgação da nota.

Tais orientações também foram reforçadas pelos pesquisadores da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), chamando a atenção para os riscos de descredibilizar os protocolos produzidos com fundamentação científica (KROPF *et al*., 2021). Não obstante, mesmo com tais recomendações derivadas de análises técnicas, alguns grupos consideraram que o isolamento social poderia reduzir a experiência das pessoas. Tomavam como argumento de defesa o direito individual de escolha, refletindo exclusivamente a lógica do mercado e do reforço da individualidade face aos direitos coletivos. Tais argumentos também foram utilizados por pessoas contrárias à vacinação.

Mattos (2022) afirma que a pandemia encontrou no Brasil um governo de extrema direita, militarizado, desnorteado e submerso em uma crise política, agravada pelo alto índice de desemprego e baixo desempenho do crescimento econômico. Além disso, um governo que negou a gravidade da Covid-19. Para Santos (2020), a propaganda digital bolsonarista foi utilizada como estratégia para mobilizar as massas, para reforçar a negação da gravidade da doença, desprezando dados científicos e promovendo ataques a opositores. Essa propaganda, potencialmente fascista, buscou manter a audiência em constante destaque, ignorando apelos éticos e desprezando a dignidade humana. Duarte e César (2020) evidenciam que

> o negacionismo de Bolsonaro constituiu uma política *per se*, aquela que consiste em negar, confundir, agredir, ignorar, desprezar, silenciar quem quer que não esteja absolutamente de acordo com suas medidas de combate à pandemia, ou com as escolhas políticas e morais que pautam seu governo (DUARTE; CÉSAR, 2020. p.9).

O negacionismo é uma forma de deslegitimar o conhecimento científico e questionar a autoridade de cientistas, métodos e instituições que são responsáveis pela produção de conhecimentos. Além disso, estimula comportamentos radicais e avessos ao debate racional, promovendo desconfiança sobre o valor da ciência. Seus efeitos impactam milhões de pessoas, que passam a tomar decisões com base naquilo que lhes são convenientes ou úteis em determinada situação (DUARTE; CÉSAR, 2020).

Para compreendermos essa argumentação, é importante considerar o caráter político-social que marca o capitalismo contemporâneo. Há um projeto político e econômico que se orienta na intensificação do individualismo, marcadamente como projeto de sociedade capitalista na atualidade, cujo símbolo maior emerge no neoliberalismo, na personificação do indivíduo reificado, ou seja, aquele cuja vontade precisa ser satisfeita em detrimento do coletivo. Esse projeto político e econômico exacerba-se ao ponto de resvalar para visões autoritárias de mundo. A extrema face dessa perspectiva de sociedade não fica de fora do ambiente escolar. Ela vem sendo gestada e se manifesta em algumas falas dos estudantes, através dos materiais escolhidos para análise. O próprio autoritarismo – e na sua face mais extremada, o fascismo – seria a negação da experiência pelo reforço da violência simbólica e física do outro. Em momento oportuno faremos relação a trechos de depoimentos que podem ser tomados como expressão da negação do outro, seja de forma implícita ou explícita.

Uma das esferas específicas que tem sofrido o impacto dessas concepções de mundo seria a experiência do espaço público. Num sentido humanista e iluminista, vivenciar a escola como espaço público é possibilitar a convivência dos múltiplos sentidos de mundo. Isso traz impacto para o exercício da democracia como um valor humano.

A experiência da democracia, como exercício de aprendizagem, só é possível numa

prática cotidiana de experimentos de conflitos. Autores como Rancière (1996) e Chauí (2008) caracterizam a democracia como uma ordem de valores que tem como princípio o trabalho sobre os conflitos. Por essa razão é que se deve avaliar sempre a importância do ensino presencial, como espaço público, e sua importância na constituição dos sujeitos políticos, pertencentes a uma comunidade. O espaço escolar, quando ele vitaliza esse sentido de público, é o espaço da experiência dos estudantes com relação à vivência democrática. E é por esse caminho que vamos encontrar também algumas pistas para discutir a importância da experiência, no sentido pedagógico.

O conceito de experiência, dentro de uma perspectiva pedagógica, foi inicialmente apontado por Dewey (1979). Esse autor argumenta que a experiência deve ser o princípio da educação, já que ela é caracterizada por um processo de continuidade e encadeamento, ou seja, uma experiência abre espaço para outras experiências futuras (MOGIKA, 2000).

> [...] toda experiência modifica quem a faz e por ela passa e a modificação afeta, quer o queiramos ou não, a qualidade das experiências subsequentes, pois é outra, de algum modo, a pessoa que vai passar por essas novas experiências [...] o princípio da continuidade da experiência significa que toda e qualquer experiência toma algo das experiências passadas e modifica de algum modo as experiências subsequentes (DEWEY, 1979 *apud* MOGIKA, 2000, p. 91).

Outro autor que trata desse aspecto é Jorge Bondia (2002), segundo o qual a experiência é tão relevante que convém à escola tomá-la no sentido de uma pedagogia específica: a pedagogia do saber de experiência. Ela é vital para a própria formação humana. Um dos aspectos apontados nas falas dos estudantes tem a ver com a tensão vivenciada no contexto da pandemia e, notadamente, uma das questões que se destaca é de não poderem ter tido contatos com outros colegas. Nessa fase da vida os grupos de pares ou grupo de iguais (GIDDENS, 1995) constituem importantes agentes de socialização. É no grupo de amigos que os jovens vão constituir suas identidades e estabelecer suas tribos, amizades e namoros.

É oportuno salientar que, embora estejamos mergulhados num mundo intensamente marcado pela interação entre grupos (muitas vezes virtuais) e pela disponibilidade de canais de informações, isso não amplia o sentido do saber de experiência.

> A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça. Walter Benjamin, em um texto célebre, já observava a pobreza de experiências que caracteriza o nosso mundo. Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara. Em primeiro lugar pelo excesso de informação. A informação não é experiência. E mais, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência (BONDIA, 2002, p. 21).

Bondia (2002) afirma ainda que opinião não é experiência. Vivemos num mundo marcado pela opinião – a fabricação da informação e a fabricação da opinião.

A pobreza da experiência pode ser reforçada na escola, pois nem toda instituição escolar está voltada para a promoção de caminhos para o exercício da experiência. Algumas habilidades, como saber calcular e argumentar, são colocadas como a essência da educação tradicional.

Para se chegar a tais habilidades são requeridos testes e um fazer-refazer que se

tornam a centralidade do ensino. Bondia (2002, p. 21) critica essa visão de educação, ao afirmar que "[...] pensar não é somente "raciocinar" ou "calcular" ou "argumentar", como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece."

Frequentemente, a educação é pensada como espaço para levar ao conhecimento sobre a ciência e tecnologia acumuladas pela humanidade, bem como conduzir os estudantes a uma visão crítica sobre o mundo. Tal missão não será alcançada pelo método da repetição, mas pela noção de sentido (fazer sentido para mim) ou contextualização. É preciso que as pessoas passem pela experiência para que o conhecimento tenha sentido.

METODOLOGIA

Durante suas trajetórias na escola, os estudantes produzem uma variedade de textos e imagens em que expõem, eventualmente, suas visões de mundo. Esses materiais são avaliados pelos professores e, passo seguinte, devolvidos com uma nota e, por vezes, com alguns comentários. Encerra-se aí o ciclo da produção de análises feitas pelos estudantes, sem se perceber que algumas coisas se perderam nesse percurso: as reflexões dos estudantes, sobre temas diversos, constituem-se em ricos documentos que contam coisas além da avaliação. São deixadas pistas sobre como esses estudantes interpretam o mundo à sua maneira. Por vezes, interpretações vagas e superficiais; outras vezes, mais elaboradas, envolvendo conexões de sentido com o mundo circundante e articulando leituras e discussões realizadas nas atividades de ensino, pesquisa e extensão.

A produção de textos e imagens pelos estudantes poderia ser o ponto de partida para uma sociologia da escola. Nossa argumentação é que esses materiais podem e devem ser encarados como parte documental da memória da escola. Em profundidade, eles podem servir para análises diacrônicas e sincrônicas. Diacronicamente, pela comparação de percepções de mundo que vão se complexificando, ao longo de uma dada trajetória, como, por exemplo, o percurso dos estudantes dentro de um ciclo de aprendizagem, como os três anos do Ensino Técnico. Sincronicamente, pela comparação de visões de mundo que se produzem num universo escolar, num dado contexto histórico em que os estudantes estão vivendo suas experiências de mundo, trazendo a própria sociedade para dentro da escola, já que as formulações podem revelar recortes sociais de classe, gênero, etnias, etc.

Aqui, colocamos ênfase num aspecto pouco pensado na dinâmica da escola, ou seja, propor uma espécie de arquivo dos materiais – um museu da escola – que possa servir de pesquisa, de modo que a trajetória dos estudantes nos ciclos de formação seja compreendida na sua riqueza e possa constituir material capaz de gerar uma reflexão para além dos instrumentos de avaliação.

Spósito (2003) chama a atenção para os princípios que fundamentaram o surgimento do campo do conhecimento chamado de sociologia da educação. Tal campo tem como tarefa os estudos de temáticas vastas com finalidade de compreender os processos de ensino e aprendizado que marcam as sociedades humanas. Um foco de investigações dentro desse campo é aquele que se propõe a colocar a escola, ou mais propriamente o espaço escolar, como objeto de pesquisa: uma sociologia da escola. Tal enfoque teria o propósito de compreender o cotidiano escolar, até mesmo do ponto de vista etnográfico. De fato, cada escola é um microcosmo, guardando particularidades que lhe asseguram um jeito de ser único, marcada por uma intrincada rede de relações entre estudantes, servidores, pais e a própria comunidade. É papel das ciências humanas buscar desvendar essas particularidades.

Essa perspectiva de pesquisa é apresentada por Spósito (2003) da seguinte forma:

> Mas a pesquisa e a análise se deslocam para os processos internos à instituição tentando compreender como as rotinas, práticas, modos de ensino e aprendizagem, a seleção de conteúdos e as interações na sala de aula entre professores e alunos constituem elementos de controle, instalam relações de poder e produzem desigualdades, não só em decorrência das classes sociais, mas, também, de fundo étnico e de gênero (SPÓSITO, 2003, p. 214).

De fato, o que chama a atenção é a relevância de se estudar a escola a partir das especificidades dos próprios jovens, tomados como categoria sociológica, conforme a citada autora aponta ainda no texto a seguir:

> O novo público que frequenta a escola, sobretudo adolescente e jovem, passa a constituir no seu interior um universo cada vez mais autônomo de interações, distanciado das referências institucionais, trazendo novamente, em sua especificidade, a necessidade de uma perspectiva não escolar no estudo da escola, a via não escolar na acepção de Barrère e Martuccelli (2000). Como afirmam esses autores, a autonomização de uma subcultura adolescente engendra, para os alunos da massificação do ensino, uma reticência ou uma oposição à ação do universo normativo escolar, ele mesmo em crise. A escola cessa lentamente de ser modelada somente pelos critérios da sociabilidade adulta e vê penetrar os critérios da sociabilidade adolescente, exigindo um modo peculiar de compreensão e estudo (SPÓSITO, 2003, p. 221).

A vida escolar é determinada pelas relações sociais externas, mas dentro dela também há recriação – interação entre a rua e a escola. Conforme Spósito (2003), aqui se põe o problema da reprodução social, tema levantado por Marx e aprofundado por Henri Lefebvre (1973). Este autor destaca o fato de que, para além da produção da vida material, caracterizada pelas relações entre trabalho e capital, existe a reprodução das relações sociais. Nesse sentido, de acordo com Spósito (2003),

> Em seu livro *La Survie du Capitalisme*, o pensador francês já apontava que o conjunto das formas da reprodução social e seu caráter contraditório não se limitavam ao mundo do trabalho, mas se espraiavam para outros momentos da vida social, o urbano, a produção do espaço e a vida cotidiana (SPÓSITO, 2003, p., 223).

Assim posto, consideramos analisar a escola a partir de um recorte – uma trajetória. O suporte metodológico foi dado pelos materiais produzidos pelos estudantes durante o percurso de 2019 a 2021. Nesse contexto, em nível global, insere-se a pandemia de Covid-19 e analisamos como esse momento impactou a relação dos jovens estudantes com o mundo e consigo mesmos.

Aspectos metodológicos

As atividades da pesquisa foram desenvolvidas de forma multidisciplinar nas aulas de Sociologia, História, Geografia e Manejo e Conservação do Solo. A pesquisa foi conduzida com 134 estudantes que ingressaram em 2019 no 1º ano dos cursos técnicos em Agroecologia, Meio Ambiente, Agrimensura e Informática no IFNMG - *Campus* Araçuaí.

Os recursos utilizados para as elaborações das análises foram, basicamente, os materiais produzidos ao longo do Projeto “Cápsula do Tempo”, além das entrevistas realizadas com estudantes escolhidos por amostragem, contemplando os critérios de sexo e curso. Os

materiais escritos produzidos pelos estudantes que tomamos como instrumento de análise são os seguintes: cartas elaboradas e depositadas nas cápsulas, no ano de 2019; depoimentos escritos posteriormente, elaborados em duas ocasiões: 1) a análise sobre a relação entre biografia e história[2] e 2) análises das cartas, ambos produzidos no ano de 2021, por ocasião do encerramento do ciclo do Ensino Técnico[3].

O universo da pesquisa compreendeu os 127 estudantes concluintes dos cursos técnicos do ano de 2021, constituindo a seguinte distribuição por curso e sexo: Técnico em Agrimensura com 33 estudantes (16 mulheres e 17 homens); Técnico em Agroecologia com 29 estudantes (23 mulheres e 06 homens); Técnico em Informática com 33 estudantes (14 mulheres e 19 homens) e Técnico em Meio Ambiente com 32 estudantes (18 mulheres e 14 homens). Desse universo, 06 estudantes não entregaram cartas em 2019, todavia foram orientados a analisarem a trajetória percorrida desde a entrada até o momento da formatura.

Para a análise entre biografia e história, os estudantes foram motivados a pensar e elaborar um dossiê sobre fatos históricos e pessoais marcantes ao longo das suas trajetórias de vida. Esse relato escrito foi acompanhado de fotos, imagens e possíveis depoimentos que os estudantes pudessem coletar sobre suas trajetórias de vida. A redação deveria levar em conta a leitura prévia do texto de Velho (2003), para que pudessem contemplar a noção de relação entre os projetos individuais e o contexto histórico complexo tratado pelo autor.

O outro depoimento produzido pelos estudantes foi desenvolvido após a abertura das cápsulas, seguido de um momento de partilha. Para instrução da redação, os estudantes foram estimulados às leituras de Tuan (2012), para analisarem, a partir das próprias cartas e da trajetória percorrida, a relação pessoal com os espaços do *campus* e da cidade, ao longo da trajetória percorrida desde o início do Ensino Técnico até a conclusão. Além desse aspecto espacial, motivamos os estudantes a pensarem nas suas trajetórias a partir do conceito de memória (DELGADO, 2003) e da relação eu-mundo, cuja leitura do clássico texto de Mills (1975) foi fundamental.

Quando os estudantes entraram nos seus respectivos cursos, no ano de 2019, escreveram uma carta para ser aberta quando estivessem no fim do Ensino Técnico. As cartas foram depositadas em cápsulas guardadas no solo, junto a uma muda de árvore plantada por cada turma. Em 2021, momento da abertura das cápsulas, algumas atividades foram encaminhadas, todas buscando trabalhar aspectos relativos ao sentido de projeto e trajetória.

O que propomos aqui é a utilização desse material produzido no âmbito do ensino para efeito de pesquisa. Para isso é necessário apresentar algumas considerações de cunho metodológico.

A primeira consideração é de caráter ético. Ao trabalhar com a pesquisa feita com materiais elaborados pelos próprios estudantes, deparamo-nos com aspectos subjetivos, muito pessoais, reveladores de situações da vida particular de cada um. Esse tipo de pesquisa envolve cuidados éticos específicos. Para garantia desse critério, a pesquisa foi submetida ao Conselho de Ética em Pesquisa e obteve a apreciação favorável[4].

A segunda consideração tem a ver com apresentação do tipo de pesquisa. Nesse sentido, a metodologia da pesquisa é do tipo qualitativa, por dar ênfase ao universo simbólico,

[2] Ao longo das análises utilizaremos a expressão “depoimento escrito – Atividade biografia e história”, para nos referirmos a esses relatos escritos.

[3] Utilizaremos a denominação “depoimento escrito – análise das cartas”, para nos referirmos a esse material.

[4] A pesquisa envolveu seres humanos e, por essa razão, o projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), através da Plataforma Brasil, constando a numeração no CAAE: 56327722.2.0000.8747, na situação de aprovado em 20 de junho de 2022.

motivos, aspirações, valores e crenças dos indivíduos sobre a vida social (MINAYO, 2000).

Esta pesquisa pode ser considerada um caso de pesquisa-intervenção, ou seja, uma proposta metodológica em que a pesquisa não consiste apenas numa coleta de dados. Importante frisar que, no processo de ensino, que deu origem às informações disponibilizadas posteriormente à pesquisa, ocorreu uma interação entre os pesquisadores e pesquisados. No primeiro momento, o papel do pesquisador seria o de pautar determinadas questões a serem pensadas pelos pesquisados.

Feitas essas considerações, propuseram-se algumas estratégias metodológicas para o desenvolvimento da pesquisa. O primeiro momento constituiu no recolhimento dos materiais produzidos durante o desenvolvimento do projeto "Cápsula do Tempo", considerando-se as cartas produzidas pelos estudantes e as análises elaboradas por eles, ao longo do tempo de permanência no *campus*[5].

O segundo momento constituiu na realização de entrevista semiestruturada com estudantes envolvidos [6] . A entrevista foi por amostragem, considerando-se uma representação equilibrada de entrevistados, distribuídos entre os quatro cursos técnicos. Foram entrevistados quatro estudantes, um por curso, obedecendo também a uma proporcionalidade por sexo.

As entrevistas ocorreram de forma *online*, através do aplicativo *Google Meet*. Elas foram gravadas com o recurso de gravação disponibilizado pelo próprio aplicativo. Paralelamente, o entrevistador fez anotações a partir de informações da entrevista, destacando pontos para futuras análises. Os estudantes entrevistados concordaram em participar da entrevista e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Análise dos relatos dos estudantes sobre a pandemia e a questão da experiência

Os relatos colhidos por meio de diversos materiais trazem múltiplos aspectos da vida cotidiana, vivenciados pelos estudantes no contexto da pandemia. Tais aspectos revelam situações, como a organização (ou desorganização) das tarefas escolares, os afazeres domésticos, que foram assumidos como obrigações cotidianas (limpar a casa, cuidar de crianças e fazer comida) e que passaram também a disputar espaço com as atividades escolares. Dentre os relatos também destacamos as situações de sofrimento psíquico, como a depressão, isolamento, timidez, o medo de contrair a Covid-19, o sentimento de perda de entes queridos e a intensa imersão nas redes sociais e jogos virtuais. Tais casos foram mencionados com muita frequência, dando conta de uma desorganização da vida social, em função do isolamento e das ANP's. Tais aspectos fazem parte da dimensão subjetiva.

Diante de tais narrativas, algumas pessoas poderiam refutar o argumento central deste artigo, ou seja, de que a pandemia teria comprometido o saber de experiência. Os aspectos da vida cotidiana não poderiam ser tomados como um tipo de experiência? De fato, é plenamente adequado propor que a situação de isolamento familiar conduziu ao desenvolvimento de experiências. Não obstante, o que gostaríamos de argumentar é quanto à perda da dimensão coletiva para além do ambiente propriamente familiar, ou num sentido mais preciso, a dimensão coletiva da socialização dos pares, remetendo ao que Dayrell (2007) chama de "turma de amigos". As experiências cotidianas ocorridas no contexto poderiam ser tomadas como típicas de um mundo atomizado, centrado no indivíduo. De fato, o que se

[5] Os nomes dos estudantes foram mantidos em anonimato. Optamos por usar codinomes diante dos diversos depoimentos mencionados neste artigo.

[6] Ao longo das análises utilizaremos a expressão "depoimento oral" para trechos ou análises extraídas das entrevistas realizadas com os estudantes selecionados.

observou foi o enfraquecimento da percepção da dimensão estrutural, tal qual Mills (1975) aponta. Nesse aspecto, e concordando com os argumentos de Bondia (2002), não houve conexão entre a biografia e a experiência de viver num espaço plural, em que as questões da própria sociedade vão sendo percebidas sob diversas perspectivas.

Ao analisar as narrativas que os jovens estudantes do IFNMG – *Campus* Araçuaí construíram por intermédio das diversas atividades, constata-se que o contexto da pandemia evidenciou um problema intenso, em que a maioria dos estudantes sequer participava das aulas síncronas, ou, se participavam, não interagiam, sequer abrindo suas câmeras para uma visualização dos rostos de cada um.

Observa-se, também, que a limitação das relações, mediante o isolamento social, promoveu um aguçamento dos conflitos internos, gerando o sentimento de incerteza e a mudança nos projetos pessoais. Isso impactou principalmente aqueles estudantes que não conseguiram criar redes de amizades desde o momento presencial, no ano anterior.

Foram muitos os relatos de impactos causados pelo isolamento social. Diversos estudantes apontaram que o rendimento dos estudos caiu, pois não aguentavam mais as aulas em formato ANPs. Com o tempo, diversos estudantes perderam o controle da rotina de estudos, deixando de entregar diversas atividades avaliativas. É o que aparece no relato a seguir:

> Com a pandemia e o ensino a distância, os laços de proximidade foram desfeitos e os sentidos utilizados passaram a ser somente a visão e a audição, com isso, os sentimentos não foram transpassados, o que causou uma desmotivação com o estudo e a perda do contato entre muitos colegas (Ataíde, Depoimento escrito – Análise das cartas).

O medo, a ansiedade, os problemas psicológicos, o desgaste físico para aqueles que tinham que estudar e trabalhar foram relatados por grande parte dos jovens estudantes como fatores que os levaram ao sentimento de perda de controle, até o ponto de inanição. Alguns relatos dos estudantes dão conta das suas rotinas vividas naquele contexto. Vejamos alguns depoimentos:

> A pandemia causou diversos impactos no Brasil e no mundo, e também na minha vida pessoal, visto que foi preciso acontecer mudanças na minha rotina devido às restrições sanitárias, o que resultou em momentos de ansiedade e insegurança devido a tudo que estava ocorrendo. Além disso, a pandemia causou um agravamento na fome mundial, e nos índices de doença mental, e tirou a vida de mais de 4 milhões de pessoas ao redor do mundo, e mais de 580 mil no Brasil (Vagner, Depoimento escrito - Atividade biografia e história).
>
> A pandemia foi uma grande responsável nas mudanças. Eu mudei, mudei para me adaptar a uma realidade árdua, sem emprego, estudando em casa igual robô e ajudando minha mãe [...] Há dois anos atrás existia uma jovem e hoje existe outra (Viviane, depoimento escrito – Análise das cartas).
>
> Eu sinto muita falta disso. Eu senti muita falta de ter ali o contato direto com os estudantes, com servidores. E sei que por conta disso acaba que eu... acredito que eu perdi oportunidades de algo novo que eu não sei muito bem o que [teria] acontecido, porque o virtual não era igual ao presencial, né. Era muito limitado. Era o jeito que foi encontrado para que a gente continuasse o ano letivo, mas não era o que eu tava ... o que eu me apaixonei no primeiro ano. Entretanto foi muito bom também. Mesmo no virtual eu aprendi muito (Bosco. Depoimento Oral).[7]

[7] Entrevista gravada no dia 22 de dezembro de 2022.

É possível observar que a pandemia impactou de formas distintas as trajetórias dos jovens estudantes do IFNMG. Apesar de todas as limitações e desafios enfrentados, alguns conseguiram vivenciar experiências familiares, além de uma reconstrução de objetivos, caminhos e o amadurecimento pessoal. São casos isolados no meio de tantos relatos desesperados.

Alguns estudantes relataram terem vivido experiências importantes, mesmo no contexto da pandemia, relacionadas ao mundo do trabalho. Alguns aproveitaram o momento da pandemia, quando as aulas presenciais haviam sido suspensas, para se inserirem em algumas atividades remuneradas. Dessa forma, conseguiam acompanhar as aulas remotas que ficavam gravadas. Alguns relatos remetem à importância dessa inserção, sobretudo num momento de dificuldade financeira da família.

> Porque a experiência de trabalhar a princípio é sair das ondas de conforto. Eu trabalhava com prestação de serviços, né. Então eu preciso oferecer um serviço de máximo qualidade possível e isso traz um contexto de nervosismo que eu não sei explicar para vocês. Na minha primeira semana de trabalho eu tremia, eu tremia e eu chorava. Era assim, em crise. E o que eu posso dizer para vocês é que eu aprendi com isso (Maysa, depoimento oral[8]).

Em alguns casos, as atividades do trabalho passaram a ocupar um espaço muito maior no cotidiano dos estudantes, comprometendo o rendimento escolar. A mesma estudante ressalta essa dificuldade de conciliar trabalho e estudos por ocasião das aulas remotas:

> Antes de conhecer o ensino remoto eu tava ali, só naquele ambiente presencial. Eu já tinha conhecido alguns colegas que trabalhavam também né? Conheci alguns colegas que trabalhavam mesmo estudando no IF, ainda que de forma reduzida, né, porque [...] se a gente tem nossa noção de que o Médio Integrado com o Ensino Técnico, então geralmente a pessoa não vai ter condição de trabalhar direto, mas alguém que faz um bico, alguém que faz algum tipo de atividade para ter uma renda, além daquele momento. E aí quando eu estava trabalhando [na época do ensino remoto] eu percebi que o meu rendimento [escolar] ele deu uma caída, o que tem, claro, como ponto negativo, mas que me mostrou como ponto positivo que existem perspectivas. [...] Eu vou falar para vocês: eu precisava trabalhar. Se eu deixar de trabalhar ia faltar alguma coisa na minha casa (Maysa, depoimento oral).

Importante fazermos uma outra análise acerca desse encontro dos estudantes com o mundo do trabalho. Decerto, trata-se de uma importante esfera da sociabilidade que traz o potencial de abrir uma janela para que os jovens possam compreender categorias, como classe social e relações econômicas da sociedade. Não obstante, ao que parece, no contexto atomizado do isolamento, mesmo a inserção no mundo do trabalho não trouxe uma conexão com as relações coletivas associadas. O momento de distanciamento não permitia essa conexão.

Um dos aspectos que gostaríamos de destacar são as dificuldades de interação social atribuídas à situação de isolamento. A sociabilidade juvenil constitui um importante elemento no ciclo de formação do Ensino Médio, daí a necessidade de avaliarmos os impactos gerados no contexto da pandemia.

A chegada dos estudantes ao Instituto Federal é também o momento de se estabelecerem amizades. No processo de socialização secundária, os grupos de amigos se

[8] Entrevista realizada no dia 16 de janeiro de 2023.

tornam muito importantes. Giddens (2005) os denomina *Grupos de iguais*, dado que "as interações entre pessoas de uma dada geração tornam-se muito relevantes para a aprendizagem dos valores, normas e as crenças que constituem os padrões de sua cultura" (GIDDENS, 2005, p. 42).

A entrada no Ensino Médio coincide com o momento em que os estudantes começam a estabelecer os grupos de amigos. Daí a importância do espaço da escola, mais do que simplesmente o espaço da sala de aula. Dayrell (2007) chama a atenção para essa dimensão importante na vida desses sujeitos que estão se constituindo como juventudes. Conforme o autor:

> A turma de amigos é uma referência na trajetória da juventude: é com quem fazem os programas, "trocam ideias", buscam formas de se afirmar diante do mundo adulto, criando um "eu" e um "nós" distintivos. Segundo Pais (1993, p. 94), os amigos do grupo "constituem o espelho de sua própria identidade, um meio através do qual fixam similitudes e diferenças em relação aos outros" (DAYRELL, 2007, p. 1111).

E aqui podemos discutir os impactos da pandemia nessa dimensão das culturas juvenis. Os estudantes em questão passaram por dois momentos na sua trajetória escolar. O primeiro momento foi presencial, quando tiveram contato com o ambiente da escola no ano de 2019, durante todo o ano letivo. O segundo momento foi o das aulas remotas, iniciadas efetivamente em setembro de 2020, seis meses após a suspensão das aulas, que ocorreu em março de 2020, quando a OMS passou a recomendar medidas de isolamento para evitar a rápida propagação da Covid-19.

A experiência da vivência em grupo foi bastante afetada, conforme alguns registros dão conta. Os relatos abordam as dificuldades relacionadas ao convívio com os colegas. Isso afetou a socialização inerente a essa etapa de formação humana. Vejamos alguns importantes relatos:

> Então, eu acho que foi muito difícil para as pessoas que não consolidaram amizades mais estruturadas no primeiro ano. Eu vejo que não foi uma coisa tão difícil pra mim, porque no primeiro ano eu meio que já tinha meu grupinho, sabe. Eu meio que já tinha meu grupinho. E foi esse grupinho que eu fazia os trabalhos, que eu fazia tudo em grupo, no segundo e no terceiro ano. Então eu fiquei no segundo e no terceiro ano no mesmo grupinho que eu fazia no primeiro ano. Então eu acredito que as pessoas que saíram mais prejudicadas foram aquelas que, por alguma razão, não conseguiram desenvolver uma amizade mais estruturada, logo no primeiro ano. E eu falo isso, que elas saíram mais prejudicadas porque a aproximação no âmbito virtual era muito mais difícil. Você ter um diálogo virtual não é a mesma coisa de você ter um diálogo presencial. Não é a mesma coisa. A construção da amizade ela se dá de uma forma muito mais vagarosa e muito mais dificultosa quando a gente olha no âmbito virtual. É muito mais fácil você manter uma amizade que já existe [presencialmente] de forma virtual, do que criar uma [amizade] de forma virtual. Então, para mim não foi um problema tão grande, porque eu já tinha meu grupinho. Eu tava ali na minha zona de conforto e também eu meio que não desenvolvi vínculo com as outras pessoas da turma, de uma forma mais aprofundada, porque isso foi impedido por conta da pandemia. Eu já tinha meu grupinho ali, então eu não tinha meio que o porquê de estar indo atrás de mais, sabe? E eu acredito que, caso não tivesse tido a pandemia, isso não teria acontecido, sabe? Eu... não só eu mas como todas as outras pessoas, teriam se aproximado mais da turma em geral. Minha sala ela sempre foi muito unida. Ela sempre foi muito unida. Nunca foi de ter briga, discussão, mas tinha seus grupinhos. E meio que eu sinto um pouco de falta de... "pô eu poderia ter me aproximado de tais e tais pessoas..." Porque amizade e companheirismo nunca é demais, sabe. Porém naquela vida monótona, né, que a

> gente levava na pandemia, meio que não tinha por que de ir atrás de mais se eu já tinha minhas zonas de conforto, sabe (Bosco, depoimento oral).

Outro relato dá conta de que, após o isolamento, o estudante, que antes era extrovertido, tornou-se mais introvertido e antissocial. É o depoimento escrito de Vicente:

> Não teve só crescimento pessoal, graças à pandemia e ao isolamento, eu fiquei três vezes mais tímido e antissocial do que quando escrevi a primeira carta e isso foi algo bem grave que me fez odiar sair de casa e me sentir agoniado toda vez que pisava fora do portão (Vicente, depoimento escrito – análise das cartas).

E ainda outros depoimentos que tocam nesse aspecto:

> Notei uma diferença no meu comportamento, se em 2019 eu pretendia me tornar uma pessoa comunicativa e aberta a interações, em 2020 eu me tornei uma pessoa mais fechada e mais cautelosa em relação às minhas ações e formas de interagir. Acredito que isso tenha acontecido muito por conta da ausência de convivência com outras pessoas fora do ambiente doméstico ou pelas crises e tensões advindas da pandemia (Marco, depoimento escrito – Análise das cartas).
> Tendo em vista a pandemia, eu criei maior vínculo com o meu quarto, que, devido às ANPs, se tornou um lugar simbólico, tranquilo e de grande valia para os meus estudos (Alceu, depoimento escrito – Análise das cartas).

Os relatos marcam, precisamente, a falta do encontro com o grupo de amigos e como essa ausência pode afetar a própria dimensão subjetiva, desencadeando aflições. A partir do momento em que os contatos não ocorrem, em função do isolamento, a condição de reclusão é reforçada.

E no meio desse entendimento, encontramos a percepção crítica de alguns estudantes em relação ao negacionismo e ao Governo Bolsonaro, que tiveram um papel negativo na condução das necessárias medidas sanitárias, conforme aponta o depoimento a seguir.

> Acho que afetou tanto psicológico tanto pela vida pessoal das pessoas né quando a gente fez esse tanto de incidente que o tanto esse tanto de desigualdade né nesses países o presidente né o ex-presidente né, que o iluminado era negacionista né. Fascistas assim terríveis. Então isso é um problema muito grande e ainda tá sendo né, porque os problemas que ele causou né. Vai ser trabalhoso de mudar. Vai ser um processo complicado de mudanças né, com a posse de Lula. E só quem é da minoria né que entende esses problemas sociais né. Sabe como é difícil ver pessoas morrendo né, e o Presidente não fazer nada né. Não tá nem aí, sabe (Alceu. Depoimento Oral).[9]

A partir desse relato, percebe-se que o estudante compreendia a pandemia como um problema político, agravado pelas condutas contrárias às diretrizes balizadas pela ciência. Importante salientar que o estudante menciona a sua inserção, em 2019, no projeto denominado “Mapeamento dos Povos e Comunidades Tradicionais”, oportunidade em que pôde ter contato com diversos movimentos sociais do Vale do Jequitinhonha. Tal testemunho serve para confirmar a dimensão da experiência coletiva para a formação da visão política dos estudantes. Tal experiência não teria sido possível em contexto de isolamento presencial ou os congêneres que buscam esvaziar a dimensão presencial do ensino.

[9] Depoimento oral. Entrevista gravada no dia 10 de novembro de 2022.

O paradoxo do individualismo

O filósofo Rancière (1996) constata que um dos paradoxos da sociedade contemporânea é a glorificação do ator/indivíduo. Trata-se do reforço do individualismo em detrimento de causas coletivas, que marcaram os posicionamentos nas décadas anteriores. Esse é um problema que impacta os alicerces dos valores democráticos, sustentados naquilo que o autor chama de dissenso, o qual constitui um dos pilares da democracia e só pode existir num mundo plural, com múltiplas formas de estar no mundo. O texto do autor é datado do fim dos anos de 1990, mas permanece cada vez mais vivo. O próprio contexto de ressurgimento da extrema direita atesta a atualidade da crítica do autor. O discurso de ódio e a pauta do individualismo já vinham ganhando espaço, desde meados da década de 2010. Nesse contexto, emerge uma ideia de liberdade que destoa do sentido que os iluministas davam para o mesmo conceito. O conceito de liberdade emergente tem muito a ver com a preponderância de uma liberdade individual que se sobrepõe à noção de humanidade ou coletividade que o termo carregava antes. Nessa voga, os sujeitos atomizados passam a reclamar a liberdade de fazerem tudo, mesmo que suas escolhas possam implicar risco aos outros. Para compreendermos a dimensão dessa perspectiva, basta pegarmos o sentido de liberdade de expressão, tal qual tem sido apregoado no nosso contexto. Trata-se de uma premissa defendida como o direito de falar tudo o que quiser, mesmo que seja, por exemplo, defender pautas neonazistas. A partir disso, seguem numa linha política que leva ao ódio em relação ao outro e que impacta consideravelmente a democracia. Num ambiente como esse, a democracia, no sentido do dissenso, como o autor preconiza, não se realiza[10].

A partir do contexto do isolamento, vimos o recrudescimento desses discursos. E por se fazerem muito presentes na representação política que a extrema direita lançou sobre a sociedade, pudemos também verificar a ressonância junto aos estudantes. Isso aparece em alguns depoimentos. Um dos relatos que destacamos é o da relativização da educação como importante esfera para a realização da emancipação humana.

> Desde 2018 eu "trabalho" no ramo de criptomoedas para ajudar minha mãe, mas o que é necessário entender é que recebo em dólar, ao contrário do que muitos pensam o dólar não subiu significativamente, a moeda brasileira que se desvalorizou muito desde 2019, uma conclusão egoísta e nada patriótica é que consegui rentabilizar bem e estabilizar as finanças graças a essa desvalorização, dando-me a clareza para enxergar que talvez eu possa não seguir uma carreira acadêmica e viver bem com esse meu trabalho (Valteir, depoimento escrito – análise das cartas).

E o relato de Mia, dando conta das consequências dessa visão de liberdade individual conservadora.

> Muitas vezes refleti e questionei as mudanças políticas que ocorreram no país durante 2018 e pensei que talvez se fosse diferente as coisas não teriam sido as mesmas em 2020 durante a pandemia, por exemplo: famílias como a minha não teriam passado por problemas econômicos devido à falta de políticas públicas a fim de ajudar a situação de autônomos, desempregados etc.., a vacinação não teria sido tão tardia e inúmeras pessoas não teriam morrido pela falta dela, tratamentos sem comprovação científica não teriam sido recomendados levando muita parte da população a fazer automedicação de remédios errados no tratamento da Covid-19, entre outras inúmeras decisões irresponsáveis vindas de quem deveria fazer ao contrário (Mia, depoimento escrito – Análise das cartas).

[10] Rancière (2014), nessa linha de raciocínio, desenvolve o livro “Ódio à Democracia”, importante discussão que merece ser levada em conta para a compreensão do momento que se desdobra antes e se agrava a partir da pandemia.

O depoimento acima remete ao estranhamento dos estudantes com relação ao individualismo, ou ainda perspectivas que aludem ao abandono da perspectiva do trabalho formal ou da formação acadêmica em função das novas formas de ganho fácil.

Mas como conectar esse revigoramento da noção de liberdade individualista com a questão da experiência? De fato, nossa defesa é de que há um estreito relacionamento entre ambos. Nosso argumento é de que a pandemia limitou as experiências dos jovens estudantes. Uma das experiências vitais para o existir em coletividade é o conflito. A democracia, conforme Chauí (2008), é o exercício sobre os conflitos. Ele é parte da vida em coletividade, como também percebe Rancière (2014).

Por conseguinte, há uma conexão entre o revigoramento do individualismo e perspectivas autoritárias de mundo. A noção de liberdade individualista reforça a perda de significado da democracia. O contexto da pandemia foi propício para a reafirmação dessa visão de mundo centrado no indivíduo. O problema não estava na pandemia, em si, mas nas limitações que o ambiente de isolamento propiciava. Essa semente já vinha germinando desde antes, dado que uma das premissas do neoliberalismo e conservadorismo apontava para essa cultura do individualismo, desde a ideologia do empreendedorismo, surgido na esteira das mudanças do mundo do trabalho, nos anos de 1990.

Intensificação do uso das redes sociais e a constituição de bolhas de informação

Diversos relatos dos estudantes dão conta do aumento do tempo dedicado às atividades *online*. Junto a esse incremento, observa-se também a constituição das chamadas bolhas de informação, em que cada indivíduo se articula com aqueles que são semelhantes do ponto de vista cultural e político. Nessas bolhas, as “verdades” são produzidas para cada grupo em específico. Alguns relatos remetem a esse mecanismo.

> Outra coisa que piorou foi o novo tipo de ensino, uma vez que passei a usar mais aparelhos eletrônicos e com eles meus olhos ficaram mais cansados e com dores de cabeça um pouco mais presentes no meu dia a dia. Durante esse período, a minha sala de televisão, a cozinha e o meu quarto passou a desempenhar o papel de sala de aula, pois é o único lugar da casa com mesa e que não me deixa sem foco (Bel, depoimento escrito – análise das cartas).

Também vai nessa direção o depoimento de outro estudante:

> Apesar dos benefícios já citados, a facilidade de acesso à informação e redes sociais também teve impactos muito ruins como, por exemplo, a chamada “overdose de informação”, que se caracteriza por ser a fase em que o indivíduo possui tanta informação sobre tantos conteúdos que se sente perdido e desorientado quanto ao que acreditar. Já no âmbito das redes sociais é válido ressaltar que muitos problemas de autoestima, *fake news* e crimes virtuais afetaram a vida dos jovens (Alaíde, depoimento escrito – atividade Fatos Históricos).

Mas em que sentido essa configuração das bolhas de informação teria conexão com o empobrecimento da experiência? De fato, a constituição de grupos de interesse que não dialogam com a pluralidade de perspectivas existentes na sociedade confirma um dos problemas da democracia moderna, na visão de Rancière (1996; 2014). Imersos em suas respectivas bolhas, os indivíduos não lidam mais com o contraditório. Cada bolha é uma espécie de portal que leva a um universo de discurso único, que cada vez vai se ampliando. Cada vez mais essas bolhas de informação têm representado formas de recrudescimento do ódio na política, pois o outro passa a ser visto como algo a ser eliminado.

DISCUTINDO A POBREZA DA EXPERIÊNCIA NO CONTEXTO DA PANDEMIA

Há que se considerar que, no contexto da pandemia, os jovens estudantes de todo o Brasil foram afetados, educacionalmente, de formas diferentes. Nessa perspectiva, podemos dizer que as relações de classe social impactaram consideravelmente os estudantes da classe trabalhadora. Daí a necessidade de enfatizar que esses estudantes foram mais prejudicados em relação às experiências necessárias para a compreensão da sociedade.

Até mesmo no contexto da pandemia essa questão da experiência pode ser notada em graus diferenciados. Os jovens inseridos numa condição mais elitizada tiveram acesso a recursos informacionais e materiais pedagógicos que os auxiliavam na construção de experiências individuais. Aqueles que estudavam em colégios particulares e tinham condições estruturais para comprar e adquirir equipamentos manifestaram uma dificuldade menor. Dentre os mais pobres, a questão da sobrevivência falava mais alto. Alguns tiveram que abandonar a escola.

No caso do *Campus* Araçuaí, o índice de evasão foi preocupante. Os relatos que os jovens fizeram evidenciam essas dificuldades. Importante marcar essa situação para pensar as lições sobre a experiência. Para os jovens pobres, talvez a escola pública seja uma das poucas instituições capazes de propiciar experiências que conduzam à emancipação dos sujeitos. Para esses, a escola constitui o único ambiente em que podem experimentar a vida, conhecer espaços culturais, música, formas de expressão e diálogo de tolerância em relação aos outros jovens com suas múltiplas formas de estar no mundo.

Assim, pomos em relevo um tipo de experiência destoante da visão trazida pelas mídias sociais, que reduzem o mundo a algumas expressões da cultura de massas. Portanto, é importante que a escola possa promover experiência como parte de uma proposta pedagógica, de fato, para superar a “destruição generalizada da experiência”, tal qual vem sendo promovida pelos contextos educacionais contemporâneos. É o que afirma Jorge Bondia:

> Nessa lógica de destruição generalizada da experiência, estou cada vez mais convencido de que os aparatos educacionais também funcionam cada vez mais no sentido de tornar impossível que alguma coisa nos aconteça. Não somente, como já disse, pelo funcionamento perverso e generalizado do par informação/opinião, mas também pela velocidade. Cada vez estamos mais tempo na escola (e a universidade e os cursos de formação do professorado são parte da escola), mas cada vez temos menos tempo (BONDIA, 2002, p. 23).

Destarte, pensar uma prática educacional sustentada na experiência pode passar pela produção de espaços que possam permitir ao jovem conhecer amplas formas de expressão cultural ou do fazer do mundo, das formas do trabalho, da criação, que de certa forma tangenciam a discussão sobre alienação do consumo e do trabalho. Desalienar é propiciar as experiências de mundo.

Existem formas intensas de alienação nos meios de comunicação social, nas redes de contato e nas relações que os estudantes têm com a própria escola que, por sinal, repercutem todas as formas de reprodução social da vida moderna. No contexto da pandemia, os estudantes ficaram expostos a todos esses apelos da sociedade de consumo. O ambiente de isolamento funcionou como um laboratório para o que viria a se normalizar depois. Propiciou as ferramentas modernas para a abertura dos portais de comunicação que passaram a determinar, pelos chamados algoritmos, as tendências de opiniões, sustentadas em fórmulas cada vez mais simplificadas de discurso. De fato, o empobrecimento da experiência faz parte de um projeto inerente à racionalidade da sociedade capitalista, sustentada no consumo de

massas. Aí, nesse contexto, não cabe um repertório variado de experiências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa trouxe diversas perspectivas de abordagem. A marcação de um momento de início da trajetória, através da escrita de cartas em 2019 e, posteriormente, a abertura delas, com um exercício de análise individual sobre o percurso, constituiu nosso material de pesquisa. Buscamos captar uma espécie de fotografia desse recorte temporal, tomando as narrativas como nosso guia. O momento da pandemia mereceu um foco especial neste artigo.

Consideramos que tal esforço de compreender as trajetórias merece ser realizado pelos educadores. Um olhar sobre a trilha percorrida pode ser bastante útil para que a própria escola constitua a sua memória. Nesse sentido, pudemos constatar que as narrativas dos estudantes tomam a escola, não apenas no sentido tradicional/oficial da sala de aula e dos conteúdos. Os estudantes revelaram uma relação com o espaço do *campus*, lamentando inclusive a ruptura dessa dimensão no contexto das aulas virtuais. A experiência do espaço foi mencionada em diversas narrativas.

Esperamos que as considerações tenham servido para ampliar o debate acerca dos sujeitos, espaços e avaliações no âmbito da educação. Enfatizamos a importância da pedagogia da experiência, considerando-se que a limitação da experiência pode produzir lacunas no desenvolvimento dos jovens estudantes, na sua dimensão política e cultural.

Outro aspecto que merece ser destacado é quanto à imprevisibilidade face aos desdobramentos históricos. Ninguém poderia imaginar um percurso tão singular na história da humanidade quanto o da pandemia. Nas cartas iniciais, muitas expectativas davam conta de percursos mais ou menos previsíveis, muito embora diversos estudantes demonstrassem incertezas. Os discentes que foram objeto de nossa análise vivenciaram um dos eventos mais dramáticos da recente história da humanidade.

A pesquisa com esses sujeitos, nessa quadra da história, traz aspectos relevantes do ponto de vista documental. Certamente, quando os anos se passarem, os historiadores e cientistas sociais retornarão àquelas narrativas sobre a tragédia sanitária e política. Tais registros foram produzidos fartamente pelas pessoas que viveram o momento e perderam familiares e amigos. Um dia, esses relatos servirão de documentos para testemunhar a história da pandemia. Talvez possam até auxiliar na condução política em outros contextos semelhantes, de forma a que se evitem os negacionismos e a insensibilidade política diante de tantos sofrimentos. Dentre esses registros, tivemos a oportunidade ímpar de coletar alguns. Do ponto de vista da escola, trata-se de um recorte que também precisa ser considerado, já que as lacunas de experiência no contexto da pandemia foram tantas e ainda não foram devidamente solucionadas.

Este texto ocorre diante de uma conjuntura em que a educação pública, no sentido amplo de um espaço público, plural e aberto, vem sofrendo ataques. De fato, são ameaças aos fundamentos das concepções iluministas/humanistas que nortearam a nossa visão de escola. Tais investidas se dão na esteira das concepções neoliberais aliadas ao conservadorismo e ao revisionismo histórico. As proposições nesse sentido são variadas, começando pelo próprio questionamento da escola inclusiva, passando pela ampliação considerável da educação a distância.

Espera-se que este artigo tenha contribuído para evidenciar a importância da escola como espaço socioeducativo, em que as experiências coletivas/plurais possam se realizar e constituírem pilares seguros para o exercício da democracia.

REFERÊNCIAS

APLPLE, Michael. “Endireitar” a educação: as escolas e a nova aliança conservadora. **Currículo sem Fronteiras,** v.2, n.1, pp.55-78, jan./jun., 2002. Disponível em: www.curriculosemfronteiras.org/vol2iss1articles/apple.htm . Acesso em 30 maio 2025.

ARAÚJO, Isabela. M. M.; MARTIN, Fabiana. B.; BARBOSA, Luciane. M. Neoliberalismo, conservadorismo e o Movimento *Homeschooling* no Brasil. **Revista Educação em Foco**, Juiz de Fora/MG, v. 29, Dossiê Temático, 2024. Disponível em: https://periodicos.ufjf.br/index.php/edufoco/article/view/44503 . Acesso em: 30 maio 2025.

BARZOTTO, C. E.; SEFFNER, F. Escola Sem Partido e sem gênero: redefinição das fronteiras público e privado na educação. **Revista da FAEEBA** - Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 29, n. 58, pp. 150–167, 2020. Disponível em: https://revistas.uneb.br/index.php/faeeba/article/view/9043 . Acesso em: 30 maio. 2025.

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 19, jan./fev./mar./abr. 2002. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 09 mar. 2023.

CAMARANO, Ana Amélia et al. Caminhos para a vida adulta: as múltiplas trajetórias dos jovens brasileiros. **Última década**, v. 12, n. 21, pp. 11-50, 2004.

CHARLOT, Bernard. O "Filho do Homem": obrigado a aprender para ser (uma perspectiva antropológica). In.: CHARLOT, Bernard. **Da Relação com o saber**. Elementos para uma teoria. Porto Alegre: ArtMed, 2000.

CHAUÍ, Marilena. Cultura e democracia. **Revista Crítica y Emancipación**, Buenos Aires, ano 1, n.1, jun. 2008. pp. 53-76, 2008.

DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sociocultural. In: DAYRELL, Juarez Tarcísio. **Múltiplos Olhares sobre Educação e Cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

DAYRELL, Juarez. A escola "faz" as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação e Sociedade,** v. 28, n.100, out. 2007.

DELGADO, Lucília. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. **História Oral,** n.6, pp.9-25, 2003. Disponível em https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/issue/view/9 . Acesso em: 22 maio. 2025.

DEWEY, John. **Experiência e educação**. São Paulo: Nacional, 1979.

DUARTE, André de Macedo; CÉSAR, Maria Rita de Assis. Negação da Política e Negacionismo como Política: pandemia e democracia. **Educação & Realidade**, v. 45, n. 4, 2020.

FEIXA, Carles. **De Jóvens, bandas y Tribus**. Barcelona: Editorial Ariel, 1999.

FURTADO, Jorge. **Ilha das Flores** (1989). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=EtZOSs5s6UQ. Acesso em: 22 set. 2023.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Porto Alegre: ArtMed, 2005.

KROPF, S.P. *et al*. A Fiocruz no tempo presente: ciência, saúde e sociedade no enfrentamento da pandemia de Covid-19. In: MATTA *et al*. (Orgs.). **Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil**: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia [online]. Rio de Janeiro: Observatório Covid 19; Editora FIOCRUZ, 2021, pp. 197-208. Disponível em: https://books.scielo.org/id/r3hc2/pdf/matta-9786557080320-19.pdf. Acesso em: 30 maio. 2025.

LEFEBVRE, Henri. **La Survie du Capitalism**e. Paris: Éditions Antrhopos, 1973.

MATTOS, Marcelo Badaró. **Governo Bolsonaro**: Neofascismo e autocracia burguesa no Brasil. São Paulo: Usina Editorial, 2020.

MILLS, C. Wright. **A Imaginação Sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 2. ed. São Paulo: Hucitec; 2000.

MOGIKA, Maurício. A pedagogia da experiência e sua importância em uma educação democrática. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n.32, dez. 2000. Disponível em http://educa.fcc.org.br/pdf/edur/n32/n32a05.pdf. Acesso em: 21 abr. 2024.

PAIS, José Machado. Jovens e cidadania. **Sociologia, Problemas e Práticas**, n. 49, pp. 53-70, 2005. Disponível em: https://www.tjam.jus.br/phocadownloadpap/jovensecidadania.pdf. Acesso em: 28 jun. 2024.

RANCIÉRE, Jacques. O dissenso. In: NOVAES, Adauto (Org.). **A Crise da Razão**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

RANCIÉRE, Jacques. **O ódio à democracia**. São Paulo: Boitempo, 2014.

SANTOS, Patrícia da Silva. A pandemia e a propaganda potencialmente fascista. **Boletim n. 69 - Ciências Sociais e Coronavírus**. Disponível em: https://anpocs.org.br/wp-content/uploads/2023/06/Boletim_n69.pdf. Acesso em: 30 maio. 2025.

SPÓSITO, Marília Pontes. Uma perspectiva não escolar no estudo sociológico da escola. **Revista USP**, São Paulo, n.57, pp. 210-226, mar./maio 2003.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 2012.

VELHO, Gilberto. Trajetória individual e campo de possibilidades. In: VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose**. Antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

Editores do artigo

Jandresson Dias Pires e Mariana Mapelli de Paiva